



Nova política econômica combaterá a indexação informal

Krause e Haddad propõem uma prefixação de preços negociada

Gustavo Miranda

SÉRGIO LÊO e NÉLSON TORREÃO

BRASÍLIA — O Governo Itamar Franco pretende negociar um sistema de prefixação de preços, para combater a indexação informal generalizada da economia. Mas, a princípio, adotará uma política econômica “bastante conservadora, para abortar o processo de expectativas inflacionárias”, segundo informou o novo ministro do Planejamento, Paulo Haddad. Ele e o novo ministro da Economia, Fazenda e Administração, Gustavo Krause, deram sua primeira entrevista coletiva ontem, no gabinete da Vice-Presidência.

— O objetivo é fazer o acordo como instrumento de geração de alternativas para desacelerar a inflação. Esses instrumentos não são necessariamente a prefixação. Podem surgir outras idéias — disse Paulo Haddad ao GLOBO, para reforçar suas afirmações, de que não fará qualquer prefixação “unilateral” de preços ou salários, e sim “no bojo da negociação”.

Ele afirmou que o Brasil, nos últimos 12 anos, serviu de “laboratório das políticas de estabilização”, onde já se tentaram diversas alternativas e o único resultado foi se abandonar o planejamento necessário para superar problemas como a pobreza e o desequilíbrio regional.

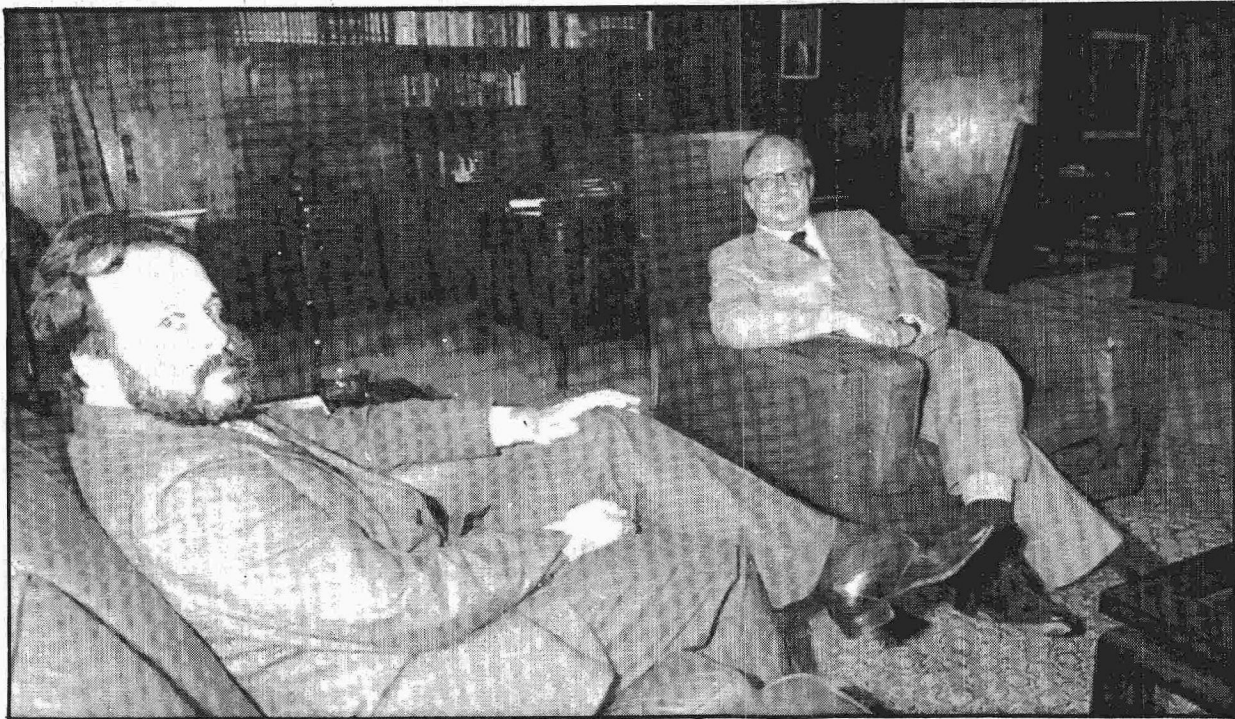
— O único choque que recebi foi psicológico — agradeceu Gustavo Krause, ao reafirmar que o Governo não fará congelamento, choque ou prefixação de preços sem negociação.

Na entrevista coletiva, Krause informou que uma de suas primeiras tarefas é a de contactar líderes dos partidos e os parlamentares economistas, que influenciam as decisões do Congresso em matéria econômica.

Ex-prefeito indicado e ex-vereador de Recife, ex-vice-governador e governador de Pernambuco por dez meses, Gustavo Krause era deputado federal (PFL-PE) até ser escolhido ontem de madrugada como ministro da Economia, Fazenda e Administração. Ele preferiu fazer um discurso político na entrevista coletiva, deixando para Haddad a resposta sobre a maioria das questões técnicas. Para Krause, o desfecho da crise política criou o clima de confiança propício a um acordo para resolver as questões emergenciais da economia:

— Não há homens providenciais nem idéias mágicas. Precisamos de uma solução compartilhada — definiu o novo ministro da Economia e Fazenda (agora também à frente da Administração). — As ações têm de ser baseadas no mínimo de consenso político; os partidos estão fazendo uma oferta, não a Itamar Franco, mas à sociedade”.

Paulo Haddad, o que mais falou durante a entrevista, argumentou em favor da nova divisão de ministérios: na sua opinião, a fusão das áreas de Planejamento e Fazenda criou um superministério que, no entanto, concentrou sua atuação no combate ao desequilíbrio econômico de curto prazo, deixando de lado



O novo ministro da Economia, Gustavo Krause, à esquerda, com seu antecessor, Marcílio Marques Moreira

o planejamento das políticas de médio e longo prazo.

— Essas políticas de curto prazo afetam questões de solução a médio e longo prazos, como a pobreza, a distribuição de renda, o desequilíbrio regional e a descentralização industrial, que exigem uma postura diferente — analisou Haddad.

O novo ministro afirmou que, após um primeiro momento de política conservadora, começará a usar os recursos federais para

orientar o crescimento do país. Para Haddad, embora haja pontos favoráveis na política de Marcílio Marques Moreira, a permanência da inflação e da recessão criaram uma indexação informal da economia, onde os grandes empresários reajustam seus preços e os assalariados e as pequenas e médias empresas ficam prejudicados.

— A recessão se aprofundou e o ajuste premiou o setor externo e penalizou o setor interno — criticou Haddad.